

VISÃO DO CORREIO

Câncer infantil: uma discussão necessária

Falta de profissionais e dificuldade de acesso a medicamentos. Ontem, Dia Internacional de Luta Contra o Câncer Infantil, várias entidades, pediatras e oncologistas expuseram a triste realidade de bebês e crianças diagnosticados com a doença no Brasil. Diferentemente de outras patologias, o câncer infantil raramente tem aquela lista de fatores de risco. Não é porque o pai é tabagista há décadas ou a mãe consome bebida alcoólica com certa frequência que a criança tem maior chance de desenvolver alguma neoplasia. Entre todos os tumores, o câncer infantil representa cerca de 3%. Para este ano, o Instituto Nacional do Câncer (Inca) estima que serão registrados 8.460 novos casos no país e 2.425 mortes de pacientes com até 19 anos.

A Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica (Sobope) e a Confederação Nacional de Instituições de Apoio e Assistência à Criança e ao Adolescente com Câncer (Coniacc) se uniram para divulgar um levantamento sobre a assistência a pacientes com idades até 19 anos. Os primeiros resultados são altamente negativos. Mesmo o câncer sendo a principal causa de morte por doença entre crianças e adolescentes no Brasil, há poucos dados sobre as condições de assistência a esse público.

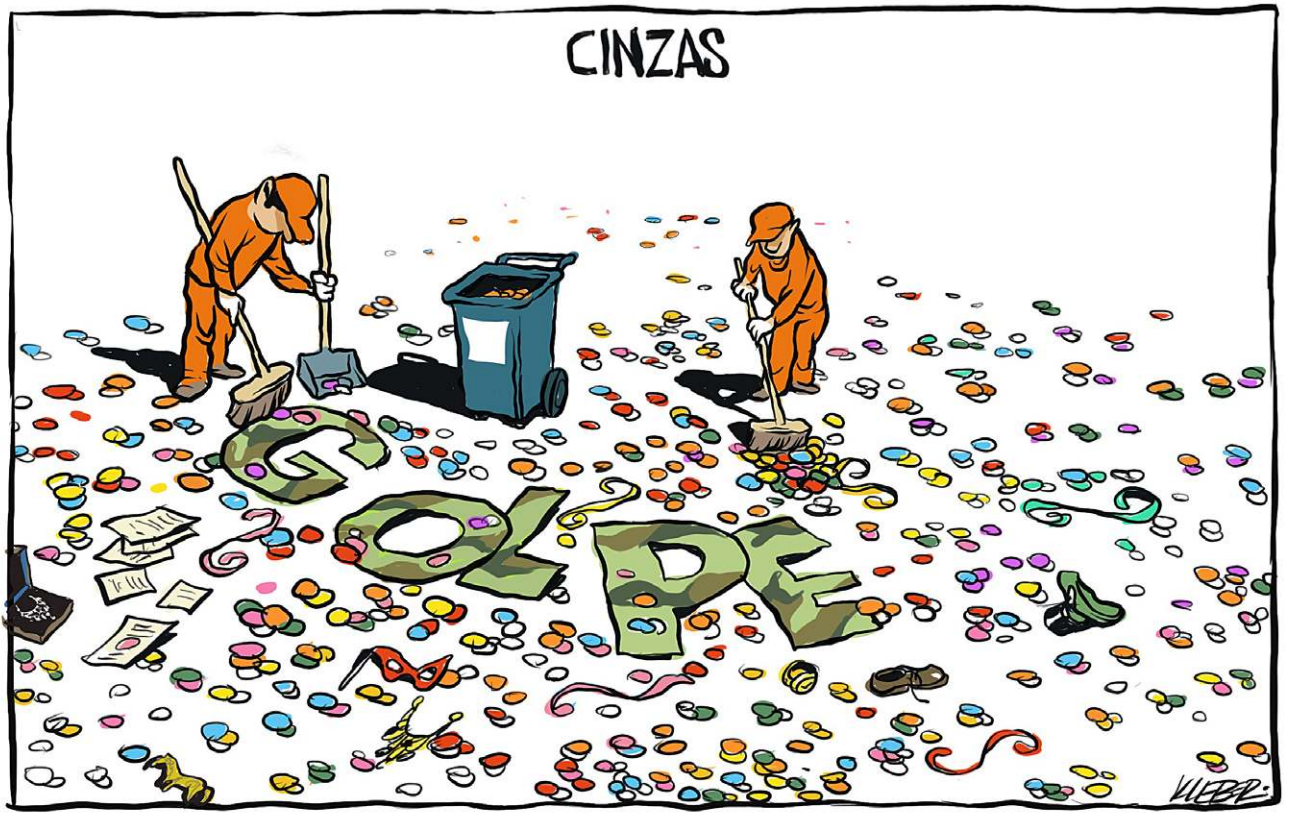
A fragilidade das instituições faz com que o acesso a informações básicas como principais sintomas, diagnóstico, exames e tratamentos adequados seja deficitário. A escassez de especialistas, no caso oncologistas pediátricos, impede que os doentes e suas famílias sejam acolhidos pelas unidades de apoio por total falta de informação.

Essa imprecisão e, de certa forma, abandono a esse grupo faz com que o diagnóstico seja tardio, ou seja, grande parte das crianças chega aos hospitais e unidades de saúde com a doença em estágio avançado, o que leva a um descompasso entre a intensidade do câncer e a realização de exames e, posteriormente, o tratamento.

Um outro estudo, publicado em 2021 pelo Instituto Desiderata, mostra que 43% dos adolescentes são atendidos em hospitais não especializados em oncologia pediátrica. O mesmo ocorre com 30% dos bebês menores de um ano e com 24% das crianças e adolescentes até 14 anos; dos pacientes que não iniciam o tratamento, 40% alegam ser por falta de informação.

Mas nem tudo é negativo. Desde que o diagnóstico seja feito precocemente, com o tratamento correto, a chance de cura pode chegar a 85% dos casos. Daí a importância da ida ao pediatra e a observação de sintomas como febre, dor de cabeça e indisposição. Em alguns casos, esses sintomas podem estar associados à anemia por deficiência de vitaminas e viroses. A leucemia, por exemplo, é marcada por febre, palidez e surgimento de linfonodos.

É preciso um olhar do poder público sobre a falta de conhecimento que retarda ou impede chances de cura. Campanhas voltadas para famílias podem ajudar a fazer circular as informações, com orientações aos pais sobre a atenção a possíveis sinais como sangramentos, hematomas, caroços e inchaços, dor nos ossos e letargia. Nunca é demais reforçar a necessidade de conversar com o filho, observar possíveis incômodos e estar em dia com as visitas ao médico.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Repórter, parabéns!

Neste 16 de fevereiro é celebrado o Dia Nacional do Repórter. Um viva e muitas palminhas para os repórteres porque é com o trabalho deles que a gente fica bem informado diariamente, né? Todo o jornalista é, antes de mais nada, um repórter. Parabéns aos profissionais que trabalham em busca da melhor informação a seus os ouvintes, leitores e telespectadores. Que a ética esteja sempre no dia a dia de suas atividades! Repórter, parabéns a todos os guerreiros de caça à notícia pelo seu dia! Viva todos!

» José R. Pinheiro Filho

Asa Norte

Armação

Bem diz o jornalista Elio Gaspari que o capitão Bolsnaro destruiu 30 anos de reconstrução das Forças Armadas com a política. Isso, ao mesmo tempo em que traçava seu itinerário de defenestração. De espada na mão, combateu a vacina e prescreveu cloroquina pelo lado de lá. Convoceu generais para um cordel de ilusão, com urnas de papel. Anarquizou a capital federal, fazendo dela uma armação. Encarregou-se de botar a boca no trombone da ilusão e demarcou as trilhas de sua própria destruição. Não existe mais segredo depois do 5 de julho de 2022 e do 8 de janeiro 2023. O nome claro disso é golpe, embora queira fazer crer que se trata de perseguição política. Teceu várias narrativas fraudulentas, pois não fazia ideia do que é democracia. Tanto que tentou destruí-la a golpes de martelos apunhaçados. Mas os anjos da Catedral não dormiram no seu teto de cristal: organizaram o contra-ataque, convocando a Polícia Federal. O povo foi resgatado, restabelecendo-se a democracia. A quem interessar possa: há um vídeo da Folha de S. Paulo no YouTube, com todas as narrativas e a cronologia dos fatos. Está lá de testemunha, antes que digam que é mito...

» Thelma B. Oliveira

Asa Norte

Sociedade

Dengue, covid-19 e outras pragas sanitárias continuam sendo fantasmas a perseguir as pessoas. É preciso ter cuidado e obedecer as orientações dos bons médicos. Os cidadãos têm de entender que o poder público pode muito, mas não pode tudo. São as nossas atitudes que constroem uma sociedade boa ou ruim, não é o Estado. O poder público deve agir de com a vontade da maioria da sociedade,

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

É preciso ficar com um olho na dengue, e outro, na covid-19. Esses bichos estão matando.

Joaquim Honório — Asa Sul

Lamentável que a homenageada do carnaval deste ano, Lia de Itamaracá, foi pouquíssimo ou nada citada nos eventos ocorridos nos palcos montados e produzidos pela Prefeitura de Recife.;

Nilza Barros — Brasília

O presídio pode até ser de segurança máxima, mas a confiabilidade é mínima.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Como um presídio de segurança máxima deixa ferramentas esquecidas próximo a presos considerados perigosos? Cadê o encarregado da segurança? Estava onde? De folga ou no carnaval?

Adalberto Araújo — Brasília

mas é o comportamento dessa sociedade que orientará as políticas públicas. Não fosse a pressão do povo brasileiro, ainda hoje estaríamos vivendo sob a opressão do regime de exceção, da escravidão e submetidos a condições inimigas dos direitos humanos. O cuidar do meio em que vivemos é dever de todos. Agir em defesa da saúde do próximo é autoproteção. Acredito que está na hora de o brasileiro ter uma compreensão diferente do que é viver em sociedade. Como o nome bem diz, somos os sócios deste país. Sabotar outra pessoa é o mesmo que desfalar o caixa da sociedade e empurrar a organização para o brejo.

» Ana Lúcia Martins

Asa Sul

Vai-Vai

Absurda a perseguição e a censura à Escola de Samba Vai-Vai, que desdobra na completa ignorância sobre cultura popular e arte e, também, sublinha nosso preconceito de cor de cada dia. Paradoxalmente, advinda de forças da extrema-direita, dos arautos da liberdade de expressão. São conservadores do pior do Brasil, estão aqui conservando o tradicional ataque ao carnaval de rua.

» Reinaldo Queiroz de Moraes

Brasília

Recordação

No primeiro sorteio da Loteria Federal, realizado em Brasília, eu tive a oportunidade de ganhar, numa rifa, um luxuoso relógio, da marca Mido, comprado na sofisticada loja da Masson, na W3 Sul, que ainda hoje é ostentado pelo meu filho. E vai daí, que uma benção dos céus também me socorreu, no primeiro concurso de Miss Brasil, promovido aqui, quando eu recebi um convite para participar da comemoração desse evento, no Hotel Aracoara. Pois aconteceu que, num dado momento, um grupo de convivas, como eu, formou, por acaso, uma espécie de corredor polonês, por onde deu de passar a coquete artista Eliane Pittman, enteada do famoso saxofonista norte-americano Booker Pittman — quando um desses gaiatos achou de meter a mão, atrevidamente, nas suas nádegas. Incontinenti, ela se voltou contra nós e me encarou, com firmeza, como se eu tivesse sido o autor do abuso, e armou o braço, para me desferir uma bofetada, só me restando ficar gelado, esperando por esse tabefe, sem ter o que fazer. Felizmente, ela refletiu, sem ter certeza do que faria, e me deixou em paz. Ufa, ainda bem, esse bafejo!

» Lauro A. c. Pinheiro

Asa Sul



ROSANE GARCIA
rosanegarcia.df@dabr.com.br

Antirracismo no currículo

Dados de diferentes fontes divergem sobre o total de leis em vigor no país. São milhares e, entre elas, há as que “pegaram” e as que são “ignoradas”, mesmo estando em vigor. É nesse último grupo que está a Lei nº 10.639/2003, que estabeleceu a inserção no currículo oficial da rede de ensino a “história e cultura afro-brasileira e africana”, no ensino fundamental e médio. A norma legal, talvez, nem precisasse existir se governantes, educadores e a sociedade reconhecessem a miscigenação do tecido demográfico, cujas fibras étnico-raciais são diversas e dão cores e personalidade ímpares ao país.

No Distrito Federal, a Secretaria de Educação, por meio da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (Eape), está cumprindo a lei. Os docentes voltaram à sala de aula para discutir, aprender e repassar aos alunos uma educação antirracista. À frente dessa formação está Renata Nogueira da Silva, doutora em antropologia social pela Universidade de Brasília.

Conheci a Renata, no Festival de Cooperação (Ficoo), no ano passado, a participar da oficina sobre racismo, que ela coordenou — ela foi mais um

dos muitos presentes que o evento deu aos participantes. Capacitar os professores por meio de letramento antirracista é basilar para a formação de crianças e jovens, a fim de que não avaliem as pessoas pela cor da pele. Em outra ocasião, assisti encontro virtual dos docentes que passaram pela formação. Criatividade e disposição para romper com as práticas racistas não faltaram. Docentes engajados na tarefa de construir uma sociedade mais civilizada.

Na maior parte do país, a Lei 10.639/2003 não pegou. Dos 5.570 municípios, mais 70% não adotaram a educação antirracista. As razões são as mais diversas. Embora o Brasil seja um país plural e que abriga diferentes expressões culturais, religiosas e étnicas, há os que ainda são submissos aos padrões colonizadores do século 16. O racismo, a intolerância, principalmente em relação aos afroreligiosos, a misoginia, a homofobia, os anti-indígenas e tantas outras deformidades em nada contribuem para uma sociedade melhor e menos violenta. Pelo contrário, somam-se aos que agem como predadores dos seus iguais. A mudança passa pela educação inclusiva e respeitosa.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS *

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br